

ENTRE LEGADO E FUTURO, ABIFINA COLOCA IFAS NO CENTRO E AMPLIA AGENDA DA QUÍMICA FINA E BIOTECNOLOGIA

ANDREY FREITAS E MARCELO MANSUR

Nova gestão reforça o papel estratégico dos insumos farmacêuticos ativos e amplia a atuação da entidade em inovação, biodiversidade e competitividade industrial



Ao longo de quatro décadas, a Abifina tem acompanhado e ajudado a construir a base industrial da química fina e da biotecnologia no Brasil. Nesse período, consolidou-se como uma interlocutora qualificada na defesa da indústria nacional, atuando de forma consistente em temas estruturantes como política industrial, inovação, regulação e propriedade intelectual.

Ao longo dos anos, a entidade também tem contribuído para a valorização da base produtiva instalada no país, reconhecendo que setores como o farmoquímico, responsável pela produção de insumos farmacêuticos ativos (IFAs), o farmacêutico, voltado aos medicamentos, e o biotecnológico, com destaque para vacinas e terapias avançadas, além dos segmentos de saúde animal, defensivos agrícolas, produtos da biodiversidade e especialidades químicas, são estratégicos

para a soberania sanitária, tecnológica e alimentar do Brasil.

Essa agenda ganhou ainda mais relevância em momentos recentes, como durante a pandemia de Covid-19 e diante das tensões geopolíticas que impactam as cadeias globais de suprimento. Esses episódios evidenciaram fragilidades importantes e reforçaram a necessidade de reduzir vulnerabilidades e ampliar a capacidade produtiva nacional.

Nesse contexto, destacam-se iniciativas conduzidas pela entidade, como a atuação em pautas de propriedade intelectual, incluindo a participação no processo que resultou na derrubada da extensão automática de patentes (parágrafo único do art. 40 da LPI), e a defesa de um sistema equilibrado, capaz de estimular a inovação e garantir concorrência justa.

A atuação em temas relacionados à biodiversidade e às plantas medicinais também reforça o compromisso da Abifina com uma agenda que alia

desenvolvimento industrial, sustentabilidade e valorização dos ativos nacionais.

Esse histórico confere à entidade não apenas legitimidade, mas responsabilidade diante de um novo momento. Com a eleição do Conselho Administrativo para o biênio 2026–2028, inicia-se um novo ciclo, construído sobre avanços recentes e orientado para enfrentar um cenário cada vez mais desafiador, tanto no contexto global quanto nacional.

“Encerramos um ciclo marcado pelo resgate da relevância institucional da Abifina e pela ampliação da interlocução com o governo e com os principais atores do setor. Ao mesmo tempo, iniciamos uma nova etapa, com uma entidade ainda mais preparada para enfrentar um cenário desafiador, com mudanças regulatórias e a necessidade de fortalecer cadeias produtivas estratégicas no país”, afirma Andrey Freitas, presidente-executivo da Abifina.

Nesse cenário, a química fina e a biotecnologia assumem papel central como base de sustentação de cadeias produtivas estratégicas, articulando inovação, produção e acesso em setores essenciais para o desenvolvimento do país. Trata-se, também, de um setor estruturante para a autonomia nacional, especialmente em áreas sensíveis como saúde e desenvolvimento tecnológico.

IFAs NO CENTRO DA SOBERANIA SANITÁRIA

Entre esses segmentos, a produção de insumos farmacêuticos ativos (IFAs) se destaca como um dos pontos mais críticos e estratégicos.

“O Brasil construiu, ao longo do tempo, uma dependência excessiva de insumos estratégicos, especialmente em IFAs. Reverter esse quadro não é apenas uma agenda industrial, é uma necessidade para garantir autonomia, resiliência e segurança no atendimento à população”, destaca Marcelo Mansur, presidente do Conselho Administrativo da Abifina.

O país passou, ao longo das últimas décadas, de um cenário em que atendia cerca de 50% de sua demanda interna de IFAs para uma dependência externa superior a 90%. Hoje, são menos de quinze fabricantes no Brasil, frente a milhares no cenário interna-

cional, concentrados principalmente na China e na Índia.

Esse desequilíbrio se traduz em um déficit superior a US\$ 11 bilhões na balança comercial e, sobretudo, em um risco concreto de desabastecimento em momentos de crise, como observado durante a pandemia de Covid-19, com a falta de insumos para vacinas e para o chamado kit intubação.

“Não há sistema de saúde sustentável sem uma base produtiva sólida de insumos farmacêuticos ativos. Reduzir essa dependência externa é condição para estimular investimentos, ampliar a capacidade tecnológica e garantir segurança sanitária ao país”, reforça Marcelo Mansur.

Mais do que um desafio setorial, trata-se de uma questão de soberania sanitária. Não é sustentável depender quase integralmente de insumos importados em um setor tão sensível quanto o da saúde.

Esse cenário reflete um desafio mais amplo, que atravessa diferentes segmentos da química fina e da biotecnologia. A capacidade de inovar, produzir localmente e garantir o abastecimento está diretamente relacionada à competitividade industrial, à segurança sanitária e à sustentabilidade das políticas públicas.

Diante desse contexto, a pergunta

central é: como ampliar a produção de IFAs e fortalecer o conjunto do complexo industrial da saúde no Brasil?

Como destaca Marcelo Mansur, a resposta passa por uma agenda estruturada, com medidas práticas, efetivas e exequíveis para indústria e governo.

A missão da Abifina é reverter esse quadro e apoiar a indústria nacional para que possa ampliar investimentos, gerar empregos e agregar valor tecnológico ao país, tanto no atendimento ao SUS, quanto ao mercado privado.

Essas soluções devem contemplar tanto o curto prazo – garantindo sustentação às empresas já instaladas –, quanto iniciativas de médio e longo prazo, capazes de atrair novos investimentos, inclusive internacionais, e estruturar um sistema nacional de inovação mais robusto.

NACIONALIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE INSUMOS ESTRATÉGICOS PARA O SUS – A utilização do poder de compra do Estado, por meio das Parcerias para o Desenvolvimento Produtivo (PDP), deve ser fortalecida como política de Estado. Experiências exitosas demonstram seu potencial de alavancar investimentos, viabilizar a instalação de plantas industriais, gerar empregos e internalizar tecnologia.

Registro de DIFA desassociado para IFAs produzidos no Brasil – A

PRECISÃO E CONFIABILIDADE EM BOMBAS DOSADORAS

Benefícios

ALTA DURABILIDADE

100%

BAIXA MANUTENÇÃO

100%

AMPLA VAZÃO

100%

FACILIDADE DE OPERAÇÃO

100%

análise de DIFAs da indústria nacional de forma desassociada de medicamentos pode ampliar a competitividade da farmoquímica brasileira, permitindo a oferta de insumos prontos para registro por farmacêuticas nacionais e internacionais.

Priorização da análise de registros de medicamentos com IFA nacional – Essa medida funciona como um importante incentivo ao uso da produção local, especialmente em produtos inovadores, ao ampliar o tempo de aproveitamento comercial sob patente.

Incentivos à inovação associados ao uso de insumos nacionais – O acesso a programas de fomento pode estimular o desenvolvimento tecnológico com base na cadeia produtiva local, reduzindo riscos e fortalecendo a proteção do conhecimento estratégico, ao evitar a transferência de tecnologia para o exterior.

Incentivos tributários para o uso de insumos nacionais – A adoção de mecanismos dessa natureza, já observados em outros setores, pode criar condições mais equilibradas de competição, estimulando investimentos e ampliando a utilização da produção nacional.

Essas medidas permitem não apenas responder aos desafios imediatos, mas também construir um caminho consistente de médio e longo prazo para o fortalecimento da indústria nacional.

UMA NOVA AGENDA PARA O SETOR

A consolidação dessa agenda passa pela ampliação do escopo de atuação para além dos IFAs, incorporando frentes estratégicas alinhadas às transformações tecnológicas, regulatórias e geopolíticas em curso.

Mais do que iniciativas isoladas, trata-se da construção de um ecossistema integrado, no qual diferentes agendas se reforçam mutuamente – conectando biodiversidade, inovação, produção, regulação e acesso. Esse movimento amplia o papel da química fina e da biotecnologia como vetores de desenvolvimento econômico, geração de valor agregado e inserção competitiva do Brasil nas cadeias globais.

Nesse contexto, a valorização da

biodiversidade brasileira se destaca como um dos pilares mais promissores. O país detém uma das maiores reservas de biodiversidade do mundo, ainda subexplorada do ponto de vista industrial e científico.

Paralelamente, o combate à comercialização de produtos ilícitos deve ganhar centralidade na agenda setorial, dado seu impacto sobre a concorrência, a segurança sanitária e a credibilidade das cadeias produtivas.

Outro eixo estratégico é a ampliação da inserção do Brasil nas cadeias globais de produção. Em um cenário de reconfiguração dessas cadeias, abre-se uma janela de oportunidade para reduzir a dependência externa e fortalecer a posição do país como produtor relevante.

No campo da pesquisa clínica, o desafio é avançar na coordenação entre governo, agências reguladoras, academia e setor produtivo para transformar conhecimento em inovação efetiva.

Por fim, o fortalecimento da inovação – incremental e radical – deve permanecer no centro dessa agenda, abrangendo o desenvolvimento de novas moléculas, biofármacos e terapias avançadas, além da inovação em processos produtivos e da formação

de recursos humanos qualificados.

“A agenda que temos pela frente exige visão sistêmica e coordenação. Não se trata de escolher prioridades isoladas, mas de integrar políticas e instrumentos que permitam transformar conhecimento em produção, e produção em acesso. O Brasil reúne condições únicas para avançar de forma consistente nesse caminho”, conclui Andrey Freitas.

O fortalecimento desse ecossistema exige previsibilidade regulatória, financiamento competitivo, formação de recursos humanos e políticas públicas duradouras, além de uma atuação coordenada entre os diferentes atores.

“A Abifina chega aos 40 anos mais preparada, mais conectada e com uma agenda clara para o futuro. O desafio agora é transformar esse acúmulo em resultados concretos para o país”, conclui Andrey Freitas.

Ao completar quatro décadas, a entidade se projeta para o futuro apoiada em sua trajetória, mas com o olhar voltado para os desafios que estão por vir. Entre legado e futuro, a construção de uma indústria de química fina e biotecnologia mais forte, inovadora e competitiva permanece como uma agenda central para o Brasil. ■



Andrey Freitas é Presidente-Executivo da Abifina



Marcelo Mansur é Presidente do Conselho Administrativo da Abifina.